

O Oriente Médio (Próximo)

Sacha Calmon*

A situação no Oriente Médio passa, neste momento, por transformações políticas e geopolíticas realmente dramáticas e definitivas para a sua conformação.

No século XIX a região vivia uma realidade homogênea. Tinha-se de um lado os países árabes ou arabizados, hoje conhecidos como os Emirados, o Egito, a Arábia Saudita, o Líbano, a Síria, a Jordânia, o Iraque, o Iêmen, o Magreb (norte da África) e mais a Turquia — antes habitada pelos hititas (arianos), depois maciçamente dominados pelos turcos otomanos (homenagem a Othon, o conquistador, e à velha Pérsia — berço da raça branca e do sânscrito, raiz das línguas indo-europeias), hoje conhecido como Irã, perto do Paquistão e do Afeganistão, no Oriente Médio.

Como o Islamismo é uma espécie de visão totalizante e unificada do universo, o Governo, a moral, a religião, a vida civil, o Direito, se apresentam submetidos a Alá. O homogêneo obscurece o passado de todos e a dominância política não cria divergências de monta. O império otomano prevaleceu até o início do século XX na região.

A intromissão do Ocidente, após a decadência turca no século XX, introduziu na região fincas cruéis que reviveram um tempo esquecido, o das Cruzadas e, no meio disso tudo, houve a instauração humilhante e imposta do Estado de Israel (o exílio dos filhos de Judá o levaram para o Ocidente, incluindo os Estados Unidos da América – EUA). O Estado de Israel, por natureza religioso e pró-ocidental, é como um punhal no coração do mundo árabe e muçulmano.

Pulando para o século XXI, seis atores principais estão estabelecidos na região, a saber: o Irã xiita e antiocidental, a Turquia sunita, hoje mais próxima da

Rússia do que do Ocidente (participa, sob desconfiança da Organização do Tratado do Atlântico Norte – Otan — aliança militar ocidental); a Síria, aliada tradicional da Rússia, por ela salva do fundamentalismo islâmico, através da aviação e de recursos bélicos providos por Moscou; o Egito fugidio, encharcado de salafitas e seitas muçulmanas, mas com o exército no comando sustentado pelos EUA (cinco bilhões de dólares ao ano), em estado de neutralidade, mormente por causa da proteção de Israel que é a base militar dos EUA na região, a Arábia Saudita capitalista, tribal, da riquíssima família Saud, bem como os Emirados, reunidos ou autônomos e, ali incrustados: Omã, Kuwait, Dubai, Abu Dhabi, Catar, etc., com papéis diversos, todos muito ricos e, finalmente, o Estado judeu de Israel.

A conclusão é a de que os árabes não formam um campo homogêneo. É ver o Líbano, em franco progresso, depois de sair do jogo estúpido de opor cristãos (minorias de 20%), sunitas e xiitas, fomentado pelo Ocidente e Israel. Cada país tem características próprias e uma vasta história pretérita, menos as párias da Palestina, abandonados pelos países árabes e martirizados por Israel. Os turcos e o Irã — que não são árabes — fecham no Oriente Médio o primado do Islã.

Essa parte do mundo, além de estratégica por incrustar-se entre o Oriente, o Ocidente e a África, tem muito petróleo e é vizinha do sul da Rússia, que partilha o Mar Negro com a Turquia e outros. A Rússia sai por ele para o Mar Mediterrâneo, o importante *mare nostrum* dos romanos. Deve-se observar, entretanto, que a Rússia tem portos no Ártico, no mar nórdico e no Pacífico (Vladivostok).

Até bem pouco tempo, os EUA precisavam do petróleo da Arábia Saudita. Hoje não. Ademais, são odiados, malvistos e fiadores de Israel, um pedaço do mundo judaico-cristão numa região maciçamente muçulmana. Com Trump os EUA fizeram questão de alhear-se da região, ao passo que a Rússia, a Turquia, a Mongólia e a China uniram-se na “Operação Leste”, a maior e jamais vista operação conjunta de treinamento militar na Eurásia. Para se ter uma ideia, 90 navios e submarinos e 1.000 aviões russos participam. O recado

* Advogado. Coordenador do curso de especialização em Direito Tributário das Faculdades Milton Campos. Ex-professor titular das Faculdades de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ex-juiz federal. Ex-procurador chefe da Procuradoria Fiscal de Minas Gerais. Ex-presidente da Associação Brasileira de Direito Financeiro (ABDF) no Rio de Janeiro. Autor do “Curso de Direito Tributário Brasileiro” (Forense).

é claro. A partir do Mar Negro para o leste, até os confins do continente asiático, a região rejeita e exclui o Ocidente (Europa Ocidental e EUA). Este é o feito simbólico mais importante e ousado dado por Vladimir Putin na geopolítica do século XXI, considerando-se ser ela a fornecedora confiável de 80% do petróleo vendido na Europa. Na Alemanha, o percentual chega a 90%. A Rússia quer paz na Europa e a preservação do leste da Eurásia, sem interferências ocidentais.

A *realpolitik* e o conhecimento do Oriente são uma expertise que vem do tempo dos tzares. No mais, a Rússia, territorialmente falando, vai do Báltico no Atlântico até o mar do Japão, no Pacífico, sobre ser a única potência espacial e nuclear com capacidade — embora menor — para fazer frente aos EUA, em termos globais.

Fala-se muito do Produto Interno Bruto (PIB) russo, sem incluir a Bielo-Rússia e o Cazaquistão (a Rússia semi-mongol), que seria comparável ao do Brasil. Há nisso um equívoco brutal. Nosso amado País não possui um décimo da tecnologia de ponta da Rússia, nem produz dezenas de submarinos atômicos, os ultramodernos caças Sukhoi (equiparáveis aos F-16 americanos), tampouco ogivas nucleares (mais de duas mil), nem foguetes espaciais ou cápsulas Soyuz, único veículo atualmente que vai e volta à estação espacial internacional. Somente o PIB militar russo é igual ou maior que o do Brasil. Considerando as bases aéreas e navais russas pelo mundo (na Síria, somente lá, são duas), sem falar nas pesquisas científicas e a manutenção de suas Forças Armadas, num país sem desigualdades, com enorme território e um povo sem analfabetismo, deduz-se que independe de peças e da ciência do Ocidente (deixe-se de lado essa história de PIB igual ao do Brasil). São 148 milhões de russos com um PIB per capita de US\$ 30 mil anuais. Os EUA têm 326 milhões e a Europa Ocidental 409 milhões.

Voltando ao Oriente Médio, mirando o Mar Mediterrâneo, que é tanto cristão como muçulmano, pois à sua volta estão a Península Ibérica, os Balcãs, o Líbano, a Itália, a Grécia, a Turquia, a Síria, Tunísia, Líbia, Argélia e Marrocos, pode-se ter uma ideia da sua importância histórica, cultural, comercial,

econômica e, por fim, geopolítica. O que acontece à roda do Mediterrâneo afeta a Europa, a Ásia e o norte da África.

Para fechar o artigo é conveniente lembrar que as três religiões monoteístas, todas de origem semita, por lá nasceram: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, sob as bênçãos do Senhor.

Preocupantes são três fatos: os muçulmanos rejeitam a contenção da natalidade. É a religião que mais cresce e ainda por cima proíbem a ingestão, ainda que moderada, de bebidas alcoólicas.

Por último, mas importante, o Islã tem hoje um bilhão e trezentos milhões de fiéis — muitos vivem na Europa Ocidental —, equivalente a algo perto de 20% da população mundial. Somente na Indonésia, Malásia, Índia e Paquistão e, Punjab, Bengala, chegam a 690 milhões de almas.

Por ser uma visão totalizante do homem e do universo, impõe-se fixar estratégias para acomodar o Islã no mundo globalizado.

Muitos estudiosos acham que o Islã acabará curvando-se à modernidade, pois o monoteísmo e a ética que professam aproximam-se da visão judaico-rabínica no mundo, hoje entranhada no mundo cristão. Eles dizem: existe apenas um Deus e Maomé é o seu último profeta. Foi Deus que ditou a Maomé (revelação) as estrofes do Corão, o livro sagrado. É uma crença monolítica.

Para a maioria, o caminho do confronto é impensável. E as soluções? Com o Islã: diálogo e aproximação teísta (nos fundamentos). Com o islamismo do Jihad: luta e extermínio. Com o mundo muçulmano pobre: ajuda, desenvolvimento e democracia.

Mas o conflito decisivo na região é entre os extremos. O Irã, berço da raça branca (xiita) e a Arábia Saudita, berço dos semitas (moabitas), que do norte da África se deslocaram para o norte da Caldeia, tanto que Abraão vem de Ur (Caldeia), na Mesopotâmia, pastorear nas planícies da Palestina (tribos). O Irã se apoia na Rússia e na China. A Arábia rica em sua península de areia e óleo nos EUA. Risco total!